



.XXII
Mértola Islâmica.
A madina e o arrabalde

Susana Gómez Martínez*
Virgílio Lopes**
Cláudio Torres**
Maria de Fátima Palma**
Santiago Macias**

Resumo

Após o auge experimentado por Mértola na Antiguidade Tardia, corolário do seu predomínio sobre a região durante toda a Antiguidade, Mértola decaiu nos primeiros séculos de domínio islâmico. A tomada de Mértola por 'Abd al-Rahmān III em 317 d.H./929 d.C., parece marcar a entrada num período de novo dinamismo. Do século X, contamos com diversas manifestações da revitalização da cidade que está já plenamente integrada na rede de intercâmbios do al-Ândalus.

O núcleo urbano de Mértola parece crescer ao ritmo dos intercâmbios com outras regiões do Mediterrâneo. Durante o século XI, ocupa densamente o recinto fortificado da madina e estende-se fora das muralhas num arrabalde portuário, parte do qual foi escavado recentemente. Este crescimento da cidade prossegue durante o período de domínio dos Impérios Africanos tanto no arrabalde como no espaço intramuros onde, em época almóada, as ruínas da Antiguidade Tardia são arrasadas para se construir um novo bairro.

Nos últimos decénios de domínio islâmico, verificamos uma concentração do espaço urbano, possivelmente por motivos defensivos. O arrabalde portuário é abandonado e verificamos uma maior densidade na ocupação da madina, claramente visível no bairro almóada da Alcáçova do Castelo, cujas casas se dividem, por vezes, em três novas habitações.

Nesta comunicação abordamos, com maior incidência, as novidades que as escavações recentes da Biblioteca Municipal, do Cine-Teatro Marques Duque e da Residencial Beira Rio trouxeram para o panorama da Mértola Islâmica.

Résumé

Après l'apogée expérimenté par Mértola dans l'Antiquité Tardive, corollaire de sa prédominance sur la région pendant l'Antiquité, Mértola a entré en déclin dans les premiers siècles du domaine islamique. La conquête de Mértola par 'Abd al-Rahman III à 317 d.H./929 d.C., démontre l'entrée dans une période de dynamisme renouvelé. Du siècle X, on compte avec plusieurs manifestations de la revitalisation de la cité, laquelle était déjà totalement intégrée dans le réseau d'échanges de l'al-Andalus.

Le noyau urbain de Mértola semble grandir au rythme des échanges avec autres régions du Méditerranée. Au cours du siècle XI, le noyau urbain occupe densément l'espace fortifié de la madina et s'étend à l'extérieur des murs dans les environs portuaires, lequel a été récemment fouillé. La croissance de la ville continue pendant la période des Empires Africains dans les environs aussi bien que dans l'espace intra-muros, où à l'époque almohade, les ruines de l'Antiquité Tardive sont démolies, pour se bâtir un nouveau quartier.

Au cours des dernières décennies de la dominance islamique, on vérifie une concentration de l'espace urbain, probablement pour raisons défensives. Les environs portuaires sont abandonnés et on constate une densité majeure dans l'occupation de la madina, clairement visible dans le quartier almohade de l'Alcáçova do Castelo, dont les maisons se divisent, parfois, en trois nouveaux logements.

Dans cette communication on aborde, avec une incidence plus élevée, les nouveautés que les fouilles récentes de la Bibliothèque Municipale, du Cine-Théâtre Marques Duque et de la Résidentiel Beira Rio ont apportées au panorama de la Mértola islamique.

* Bolseira de pós-doutoramento da FCT no Campo Arqueológico de Mértola.

** Campo Arqueológico de Mértola.

1. A Madina

Implantada sobre um imponente esporão rochoso e numa clássica posição inter-fluvial (entre o Guadiana e o Oeiras, um pequeno afluente na margem direita, ver fig. 1), Mértola tornou-se célebre entre os geógrafos do período islâmico pela excepcionalidade do sítio que ocupava e pela sua

importância estratégica¹. As referências à cidade são antigas, insistindo-se sempre nas suas condições naturais, que faziam dela um dos principais sítios fortificados do Gharb. É em particular neste aspecto que os geógrafos insistem, desde al-Rāzī, que a considerava a “mais sólida fortaleza do território de Beja, castelo muito antigo com construções antigas” (Al-RĀZĪ, 1953: 88) a Yāqūt, que falava de um “castelo dependente de Beja (...) um dos mais fortificados do Magrib e muito bem defendido” (Yāqūt, 1974: 295), passando por Ibn al-Abbar (“um dos mais fortes do ocidente do al-Andalus” (Lopes, 1911: 70) e por al-Idrīsī, que dizia Mértola ser “*si connue par la bonté de ses fortifications*” (Al-Idrīsī, 1969: 217).

Mértola é designada alternadamente como *hisn* e *madīnat*, situação frequente em sítios que apresentam uma topografia escarpada e uma



Fig. 1. Vista geral de Mértola desde o rio Guadiana.

¹ Sobre os sítios castrais que utilizam a protecção natural do relevo completada por arquitectura militar ver Bazzanna, 1992: 287-307.

morfologia particularmente defensiva². Dúvidas em relação à classificação de Mértola foram expressas por P. Guichard ("*mais si Mértola joue à certains moments le rôle d'une capitale politique, ce qui lui donne apparemment une dimension urbaine, quelle est sa dimension de centre culturel, fondamentale pour la définition de la ville?*") (Guichard, 2001: 18) e não é de todo evidente que todos os atributos susceptíveis de poderem justificar uma classificação como madina possam ser atribuídos a Mértola. A ideia de madina liga-se a três traços essenciais: «*la ville-amir, la ville-espace fortifié, la ville espace du pouvoir*», ao passo que o *hisn* designa, mais que um simples castelo, um território, o centro deste e o conjunto dos sítios habitados desse espaço (Mazzoli-Guintard, 1996: 29 e 37). A ideia de poder e de comando estão, portanto, associados a um e ao outro, o que poderia justificar a hesitação para classificar Mértola.

Por outro lado ainda, a definição de cidade anda em torno da presença (ou não) de um certo número de equipamentos (mesquita aljama, banhos, comércio)³, parâmetros a completar com outras características, constatadas no Sharq: população numerosa, sistemas de fortificações, edifícios especialmente urbanos como o suq e o hammam e o desempenho de uma função administrativa como cabeça de território (Bazzana, 1992: 231). Os elementos disponíveis, e a relativa modéstia dos vestígios arqueológicos de época islâmica (ausência de estruturas palatinas, reutilização sistemática dos materiais mais antigos, simplicidade das casas do bairro almóada) levam-nos a pensar que Mértola jamais terá ostentado o estatuto de uma verdadeira madina.

Era neste final do troço navegável do Guadiana que terminavam os trajectos de navegadores, comerciantes e aventureiros. Durante muitos séculos foi pelo rio que Mértola se pôs em contacto com as cidades próximas do Magrib ou com os longínquos

portos do Mediterrâneo Oriental. Argumentos de ordem histórica e etno-arqueológica foram apresentados há alguns anos num estudo sobre a tecelagem tradicional do Baixo Alentejo, para a qual se sustenta existirem paralelos com padrões da zona do Rif (Torres, 1984: 50-53 e 58-62). Mesmo no final do século XIX eram ainda razoavelmente frequentes as relações comerciais entre o Algarve e o Magrib (Vasconcelos, 1975: 292), fenómeno que se prolongaria até meados do século passado.

De um modo geral, as rotas compreenderam toda a costa norte-africana e a área do antigo Império Bizantino. Os contactos eram menos intensos com os portos marítimos da costa Norte mediterrânica. Cidades como Narbonne, Marselha, Génova, Pisa ou Veneza não terão feito, até aos finais do século XII, parte desse circuito (Goitein, 1983: 1).

Só os sectarismos, tanto o almóada como o dos cavaleiros de Santiago, viriam, após a Reconquista, a diminuir de forma drástica essa corrente migratória entre os dois lados do Estreito de Gibraltar. Para a importância de Mértola contribuíram vários factores, que recordamos de forma telegráfica:

- 1) A navegabilidade do Guadiana até Mértola, que permitiu um contacto permanente com o mar.
- 2) A proximidade das regiões metalíferas de Aljustrel e de São Domingos, conhecidas e exploradas desde a Antiguidade.

A manutenção de alguns desses laços comerciais e a persistência na utilização das rotas do Ocidente Mediterrânico terão sido reforçadas ao longo do período islâmico, conforme o parece atestar a presença maioritária de artefactos de fabrico andaluz e a constatação de algumas importações da Ifriqiya (Torres, 1987a: fig. 79).

Esse comércio de longa distância, onde cabia certamente a transacção de produtos de luxo⁴, sofreu um golpe decisivo com a Reconquista. O foral de 1254⁵, menos de duas dezenas de anos

² Mazzoli-Guintard, 1996: 31. Esta autora apresenta extensa argumentação sobre problemas de terminologia (pp. 20-47, em particular), cuja consulta consideramos indispensável.

³ Definição de Leopoldo Torres Balbás, citado em Bazzana, 1992: 207.

⁴ Refiram-se, nomeadamente, as cerâmicas provenientes de Sevilha, Málaga, Almeria ou do Norte de África (Gómez, 1997; 2006 e 2009).

⁵ Texto publicado por VEIGA, 1983: 179-183 (a partir da *Portugaliae Monumenta Historica*).

após a integração definitiva de Mértola no reino de Portugal, mostra-nos uma listagem de produtos que se cingiam, quase em exclusivo, a bens correntes de consumo: carvão, alhos, cebolas, junça, cortiça, junco, madeira lavrada e louça. O corte com as rotas mediterrânicas é, a partir de então, um facto. Esta nova situação terá reflexos evidentes na evolução de Mértola. O desaparecimento do seu porto trará um declínio que irá durar muitos séculos.

1.1. Topografia da Cidade

A fortificação, situada no ponto mais elevado da vila, dominava estrategicamente tanto todo o movimento que se processava pelo rio como aquele que, em direcção a Norte, animava o velho caminho de Beja. As invulgares condições defensivas do local levaram o barão de Wiederhold a escrever em finais do século XVIII que a cidade estava “assente em placas de ardósia tão escarpadas na direcção do rio que um simples muro impede a escalada” e que “os seus rochedos são tão alcantilados que impedem a escalada da cidade ou do castelo, quer pelo lado do Guadiana, quer pelo do Oeiras” (Guedes, 1992: 122-123).

Se considerarmos a tipologia dos espaços urbanos proposta por C. Mazzoli-Guintard, concluímos que Mértola se encaixa no tipo 1, o das cidades assentes sobre um esporão, em posição inter-fluvial, com zonas muito escarpadas nas quais não há construções. São quase sempre pequenas cidades, com menos de 10 hectares e com um pequeno reduto fortificado no ponto mais alto, em geral com menos de 0,5 ha.: *“vue de l’extérieur, la ville apparaît formée d’une enceinte unique dont une partie du tracé peut être absent quand le relief la remplace, le faubourg fortifié demeurant exceptionnel”* (Mazzoli-Guintard, 1996: 51).

A antiga cidade está, ainda hoje, totalmente protegida por uma amuralhamento com um perímetro de cerca de 1000 metros⁶, dentro do qual se organiza um denso emaranhado de ruas e casas. O perfil da cidade, vista ao longe, com a muralha pardacenta encerrando um aglomerado de

casas brancas, não se alterou muito com o decorrer do tempo. A imagem que temos hoje não era certamente muito diferente da que puderam ver em tempos Ibn Qasī, os cavaleiros da Ordem de Santiago ou o barão de Wiederhold.

O traçado da malha urbana de Mértola está, ainda hoje, e tal como no período medieval, marcado por grandes eixos longitudinais, arrumados em sucessivos e sobrepostos socialcos: é essa a imagem que nos dá o mais antigo desenho conhecido de Mértola, dos inícios do século XVI, numa imagem que, no essencial, se manteve até aos nossos dias. Orientados no sentido sudoeste-nordeste e acompanhando a topografia do cerro no qual a cidade se implanta, estas ruas estão ligadas entre si por estreitas e íngremes passagens, onde por vezes mal passa um transeunte.

As condições específicas de ocupação do local, sujeito a sucessivas ocupações e periodicamente atingido por terramotos e cheias fluviais levaram a que tenhamos hoje, e no que se reporta às muralhas, um conjunto de construções que vão desde o início da romanização até às derradeiras e importantes remodelações, ocorridas no século XVI. A excepção, neste conjunto edificado, é constituído pela Torre do Rio, que chegou até nós em aceitável estado de conservação. Refira-se, contudo, que a maior parte do conjunto edificado (as habitações nomeadamente) se reporta a construções posteriores ao século XVIII. Como quase sempre ocorre no mundo mediterrânico, as obras e as reconstruções sucedem-se no tempo, respeitando o espaço público e conservando, em termos gerais, o mesmo traçado de ruas e becos.

A decadência de Mértola no período que se seguiu à Reconquista é uma das razões principais da manutenção dos principais traços urbanísticos e arquitectónicos da parte mais antiga da cidade, embora ninguém possa afirmar com segurança que o aspecto que o interior da muralha apresenta corresponde, de forma precisa, ao que a cidade islâmica outrora foi. A muralha mantém hoje, pela prolongada estagnação a que temos aludido, um traçado que acompanha de forma rigorosa o alinhamento

⁶ A muralha não abrange, como é evidente, os arrabaldes construídos a partir do século XVIII.

mento das fortificações antigas e medievais da cidade.

Longe das grandes rotas mercantis modernas e contemporâneas e afastada dos centros urbanos, Mértola teve, até há poucos anos, um crescimento urbano e um desenvolvimento económico modestos. Ao invés do que aconteceu noutras cidades, em Mértola não foi necessária a destruição do antigo perímetro amuralhado para dar lugar a novas vias. O aumento da área urbana, intensificado no decurso destas últimas décadas, decorreu sempre longe do aglomerado medieval e não implicou, por isso (e com a excepção de uma torre demolida para dar lugar ao mercado municipal), alterações significativas nos panos de muralha da fortificação.

São ainda hoje identificáveis os locais de implantação de todos os panos de muralha, sempre muito refeitos, bem como o sítio onde se localizaram as duas entradas que a cidade teve na época islâmica, ampliadas para quatro na Baixa Idade Média (Almeida, 1943: 33 e 35; Macias, 1996: 30-32). Só esporadicamente, e nas zonas menos atingidas por sucessivas reparações, é possível propor cronologias rigorosas para os muros da cidade. Podemos, contudo, afirmar que a maior parte das obras testemunha bem a importância deste centro urbano entre a romanização e o século XVI. A partir do período moderno –e com o declínio definitivo de Mértola como praça militar– os trabalhos que ali tiveram lugar resumiram-se à reparação dos troços de muralha arruinados.

Essa decadência é de tal modo evidente que dos 13 torreões assinalados por Duarte Darmas (8 a nordeste, 5 a sudoeste) na fortaleza da Baixa Idade Média⁷, apenas se identifica, na maior parte dos casos, o seu local de implantação. Em várias ocasiões os torreões da fortificação foram adaptados e refuncionalizados: um foi usado como embasamento do antigo tribunal, outro, coroado a partir do século

XVII com um relógio. Os outros, em vez de serem reconstruídos à medida que se desmoronavam, eram esquecidos e fazia-se somente a consolidação do lugar que antes tinham ocupado. O que se conserva então da antiga cerca medieval? Para além do traçado das muralhas, os únicos vestígios que se conservam são as duas construções atribuíveis ao período bizantino (criptopórtico e torre do rio) e o pano norte da fortificação.

1.2. Aspectos Demográficos

Mértola correspondia a uma cidade com cerca de 60.000 m² de área intra-muros, o que a aproximava doutras urbes de média importância do al-Andalus. Citem-se, com dimensões similares, Silves, Alcácer do Sal ou Évora. De área superior seriam Lisboa (150000 m² e 10000 habitantes para o espaço intra-muros), Beja (110000m² e 3850 habitantes), Badajoz (80000 m² e 2600 habitantes) ou Málaga (370000 m² e 13000 habitantes) ao passo que um grande aglomerado como Sevilha, com os seus 187 hectares ultrapassaria os 65000 habitantes⁸. Tanto Mértola como Beja caem, portanto, na categoria de cidades médias (Mazzoli-Guintard, 1996: 251-252).

Deve ponderar-se o cálculo para o número de habitantes das cidades a partir das áreas do espaço urbano. Se considerarmos a clássica proposta de Torres Balbás (348 habitantes por hectare⁹) teremos para Mértola cerca de 2100 pessoas, ao passo que a aplicação dos cálculos formulados por Alexandre Lézine nos levaria a uns muito mais modestos 740 a 840 habitantes¹⁰. Por outro lado ainda, a hipótese avançada por Cláudio Torres para um dos bairros habitacionais do período islâmico resultaria, por extrapolação a toda a cidade intra-muros, num número de habitantes entre os 3600 e os 4800, número que nos parece demasiado elevado, até

⁷ Não foram contabilizados os torreões do castelo.

⁸ V., para estes cálculos, Torres Balbás, 1985: 106 e Torres, 1993: 396-397.

⁹ Torres Balbás, 1985: 102, embora haja a ressalva, nem sempre citada, de que estes números poderiam, segundo Torres Balbás, variar entre 33 e 50% - Torres Balbás, 1955b: 53.

¹⁰ 123 a 140 habitantes por hectare - Lézine, 1971b: 40. Ver a aplicação destes cálculos ao Castelo Velho de Alcoutim, onde se sustenta que teria residido uma comunidade de apenas 12 pessoas e para o Castelo das Relíquias, aqui com maiores reservas quanto ao número de habitantes - Catarino, 1997-1998a: 450.

porque resulta demasiado forçado propor uma média de 6 a 8 moradores por casa. Por outro lado, nada nos autoriza a pensar que a ocupação do solo era homogénea e que todas as áreas da cidade tinham idênticos índices de ocupação.

Mesmo que admitamos a presença de 6 habitantes por unidade habitacional há diversas variáveis que nos obrigam a alguma prudência e nos levam a rever os números prováveis para o número de habitantes de Mértola:

1. Desconhecemos qual a dimensão dos espaços públicos da cidade islâmica¹¹ e, portanto, qual a percentagem do espaço intra-muros que era, efectivamente, habitada.
2. A existência de espaços vazios (cuja dimensão não é possível determinar) e as áreas ocupadas por hortas são um problema a ter em linha de conta.
3. Desconhecemos qual a tipologia das habitações existentes fora da área da alcáçova. As deste bairro correspondem a uma curta ocupação (finais do século XII/meados do século XIII) e as casas parcialmente escavadas no alcácer e no arrabalde extra-muros não são totalmente esclarecedoras. Não foi escavada qualquer outra unidade habitacional na área intra-muros que nos permita avançar hipóteses e não temos forma de saber se o modelo de casa com pátio central correspondeu a uma tipologia usada de forma corrente.

Parece, portanto, difícil estabelecer um número razoável e fiável que nos situem com segurança algures entre os 840 e os 2100 habitantes para a Mértola islâmica. Podemos socorrer-nos nesta tarefa de outros números, embora o facto de corresponderem a dados de diferentes épocas, e obtidos segundo diferentes métodos, lhes retire alguma eficácia.

Consideremos, em primeiro lugar, a capacidade da mesquita de Mértola, que deveria albergar mais de 350 pessoas. Mesmo tratando-se de uma obra que adapta construções anteriores – e por isso mesmo com naturais limitações – parece pouco provável, e ainda que se admita a presença de

pessoas de outras confissões religiosas na cidade, que o edifício tivesse sido concebido deixando de fora a maior parte da população muçulmana de Mértola.

A relação entre a capacidade da mesquita e a população de um sítio é um dado a ter em conta. O cálculo de 2,15 pessoas por metro quadrado¹² implicava uma densidade de ocupação do espaço que outras fontes contrariam, ao estabelecer como espaço necessário à oração de cada fiel um rectângulo com 0,60 m. de largura por 1,35 m. de comprimento (Lézine, 1971b: 22). A variação entre ambos é substancial: de acordo com o primeiro caberiam nos 288 m² de área coberta da mesquita de Mértola 619 pessoas, ao passo que ao adoptar o segundo o número não ultrapassa as 355. O espaço por orante definido por Lézine parece-nos, contudo, mais realista que o proposto por Torres Balbás, pelo que o adoptaremos como base de trabalho. Se considerarmos a ausência de mulheres na oração de 6ª feira e calculando-se um coeficiente de 1/4 para a relação entre machos adultos/membros da família teremos assim um número provável de habitantes que deveria rondar os 1420.

Em segundo lugar, parece-nos importante reter que no século XVI, antes do principal período de decadência de Mértola, a povoação estava circunscrita à área intra-muros e tinha entre 850 e 1050 habitantes¹³. Rapidamente chegaremos à conclusão que Mértola, em pleno apogeu no período islâmico, pode ter ultrapassado esse número. Tenha-se também em conta que a conversão do número de fogos em habitantes, assim como a contagem de quatro pessoas por fogo, não são temas pacíficos nem reúnem unanimidade. A falibilidade e as diferentes metodologias destes cálculos acabam por desvalorizar o rigor das propostas (Rau, 1986: 103-106). Admitir, no entanto, que a população de Mértola em época islâmica pudesse rondar os 2100 habitantes implicaria que, após a Reconquista, a cidade tivesse perdido, no mínimo, 50% dos seus moradores. Ora, a densidade de habitações que

¹¹ Ocupavam entre 20 e 30% das cidades romanas do Norte de África (Lézine, 1971b: 30), embora esse número devesse ser mais baixo em Mértola.

¹² Cálculo estabelecido a partir de um dado do Qirtas referente à mesquita de Qarawiyyin, em Fez – Torres Balbás, 1956: 351-352.

¹³ Veja-se o Cadastro da população do reino publicado por Collaço, 1931: 57

os desenhos do sempre minucioso Duarte Darmas mostram parecem desmentir uma perspectiva de despovoamento tão radical.

Pensamos, finalmente, que a presença de um arrabalde extra-muros pode, em determinadas alturas (e uma vez que aquela área não foi habitada ao longo de todo o período islâmico) ter aumentado pontualmente o número de habitantes de Mértola.

Julgamos, em síntese, que os valores anteriormente avançados – 2000 a 2500 habitantes (Macias, 1996: 34) – devem ser revistos em baixa. Tomando como hipotético limite máximo os 2000 habitantes e considerando as várias nuances que enunciámos, pensamos que um valor um pouco acima dos

1500 habitantes constitui uma proposta mais realista, embora sem possibilidade de verificação “estatística”.

1.3. A Estrutura Urbana

Importa também destringir entre os diferentes espaços urbanos da Mértola islâmica. Aparentemente, a cidade compreendia quatro áreas marcadas, com funcionalidades bem definidas (fig. 2):

- a) A alcáçova
- b) A cidade intra-muros
- c) O arrabalde
- d) A necrópole

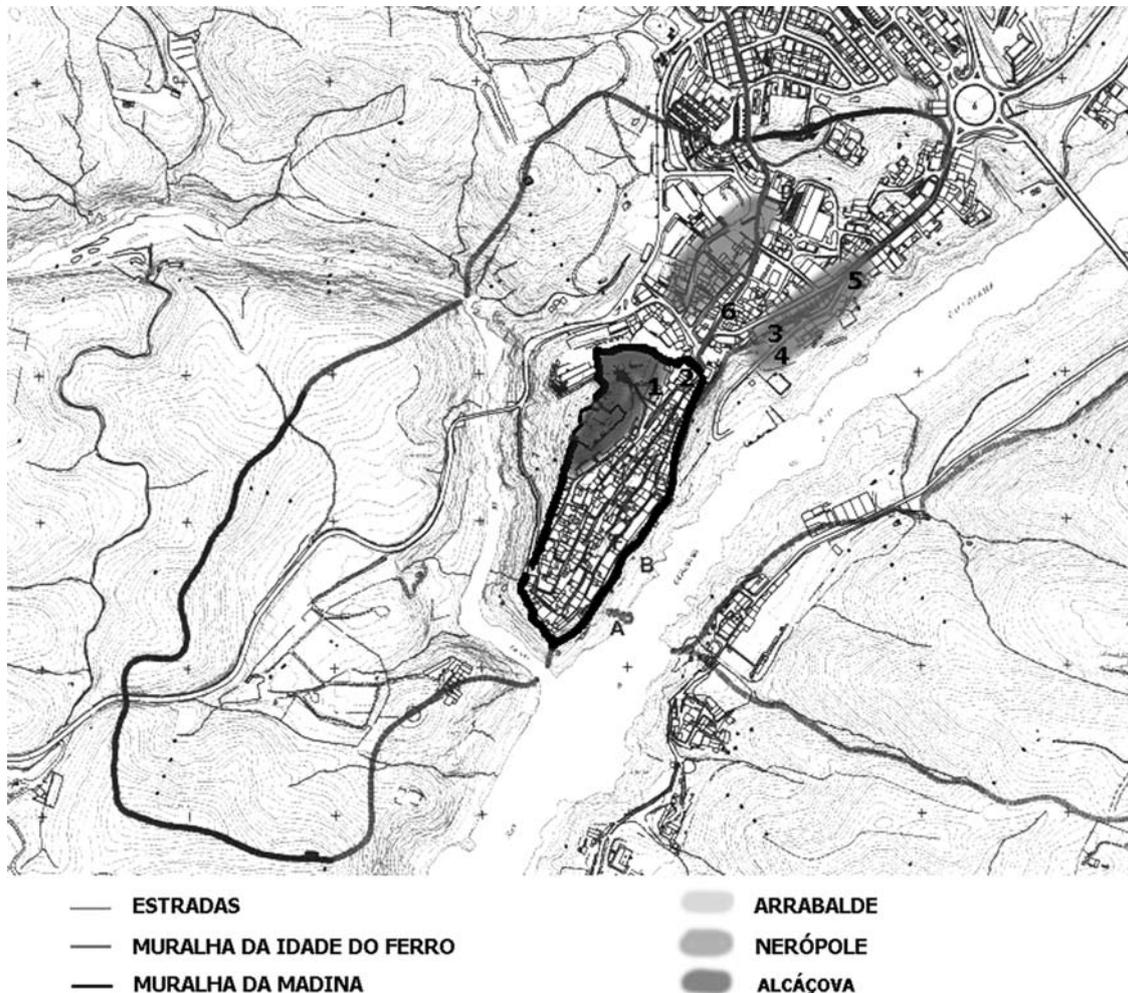


Fig. 2. Planta geral de Mértola com as intervenções arqueológicas objecto de análise. 1. Mesquita. 2. Biblioteca Municipal de Mértola. 3. Cerca da Arrochela. 4. Hospedaria Beira-Rio. 5. Cine-Teatro Marques Duque. 6. Forno da rua 25 de Abril.

Difícilmente poderemos dizer que esta organização corresponde, de forma imutável, ao que a cidade foi entre os séculos VIII e XIII. Em termos globais, o que se pode perguntar é se a topografia de cada zona se mantém ou se há mutação de funções, de forma global ou apenas pontual. As áreas do poder guardam essa função ou conhecem outras? Os espaços religiosos são-no em permanência ou mudam ao longo dos tempos? As zonas funerárias têm características de continuidade ou há evidentes rupturas? E, em rigor, as mudanças e/ou as permanências são nítidas entre diferentes períodos históricos ou registam-se mesmo no seio de cada um deles? Também não podemos dizer que a *Mirtula* islâmica é a sequência, imutável e sem sobressaltos da *Myrtilis* romana. Há vários pontos de contacto entre a cidade da Antiguidade Tardia e a que se lhe seguiu. Para além de um perímetro urbano que passa de uma época a outra sem alterações é sobretudo ao nível da topografia religiosa e funerária que se registam, como veremos, as principais identidades. Ao nível da ocupação da acrópole podemos apenas presumir a existência da continuidade de ocupação de espaços.

No entanto, e se alguns pontos de contacto existem entre dois períodos bem marcados há também rupturas bem visíveis, não só na transição da Antiguidade Tardia para a época islâmica como dentro desta (sobretudo se tivermos em conta a existência de um bairro no alcácer e de um arrabalde extra-muros, abandonados entre o fim do século XI e meados do século XII¹⁴).

Na acrópole incluir-se-ia a pequena fortificação que terá existido no local onde hoje se encontra o castelo pós-Reconquista. Para Norte, implantava-se um pequeno bairro de algumas dezenas de habitações. Esta primeira área parece, assim, corresponder aos espaços do poder ou a uma zona áulica onde habitavam o senhor da cidade e os seus dependentes directos.

Conseguem distinguir-se na acrópole três áreas bem marcadas do ponto de vista topográfico: o alcácer (no ponto mais alto da cidade), a zona palatina (a uma cota sensivelmente inferior e cuja

imponência de estruturas levou, numa primeira fase dos trabalhos, a pensar que se poderia estar perante os restos do forum de *Myrtilis* -Torres, 1987b: 618) e a encosta que liga estes dois espaços. As fases de ocupação destas diferentes áreas têm, como veremos, ritmos e dinâmicas diferentes.

Junto à zona palatina foi edificada uma mesquita, reconstruída na segunda metade do século XII. Transformada em igreja e consagrada a Santa Maria (como tantos outros templos islâmicos do al-Andalus), viria a ser profundamente remodelada nas primeiras décadas do século XVI. Da mesquita chegaram até nós algumas portas e o mihrab. Este último apresenta, do ponto de vista decorativo, paralelos com o da mesquita de Almeria, de construção posterior à tomada desta cidade pelos almóadas, em 552/1157 (DGEMN, 1953, Torres Balbás, 1955: 412-429 e Ewert, 1971: 391-460). O desenho de Duarte Darmas, feito nos inícios de Quinhentos, mostra-nos ainda a estrutura arquitectónica da mesquita com o alminar e cinco telhados de duas águas, cobrindo cada uma das naves (Almeida, 1943: 33).

Um segundo espaço intra-muros coincidia com o que hoje se chama a Vila Velha. Da forma como esta área se organizava em época islâmica pouco sabemos. A lógica de implantação topográfica e a própria rede viária levam-nos a supor uma malha urbana semelhante à que hoje se nos depara. De resto, só com base em meras suposições podemos afirmar, por exemplo, que o desenvolvimento da actividade mercantil teria lugar junto ao porto ou perto da própria mesquita, de acordo com o hábito corrente em muitas cidades do al-Andalus (García e Lévi-Provençal, 1981: 19).

Uma terceira zona habitacional existiu fora das muralhas, a sudeste da cidade e perto da sua porta principal. As estruturas que afloram à superfície nessa zona, e que são semelhantes a outras escavadas na alcáçova, levaram-nos anteriormente a pôr a hipótese da existência de um arrabalde do período islâmico (Macias, 1996: 33), que como veremos a continuação viu-se confirmada por escavações recentes.

¹⁴ O arrabalde extra-muros poderá ter sido habitado durante o período almóada.

Também a área mortuária da cidade se encontra perfeitamente definida. Localizada, no seguimento do que era hábito no mundo clássico, fora de portas e ao longo da estrada para Beja, o *almocavar* começou a receber os primeiros mertolenses já islamizados logo no século VIII, mantendo-se a tradição funerária do local até à Reconquista. O cemitério islâmico sobrepôs-se parcialmente ao campo funerário cristão, ocupando os terrenos entre a antiga basílica e as muralhas da cidade (Macias, 1993: 54-57).

Os contributos das escavações recentes podem ajudar a alargar este panorama geral fornecendo por menores interessantes sobre alguns espaços da cidade.

1.4. Escavações Recentes na Mesquita de Mértola

A mesquita de Mértola, actual Igreja Matriz

(ver fig. 2), tem sido objecto de diversos estudos monográficos que exploraram tanto os vestígios ainda visíveis do monumento como a informação disponível nas fontes documentais e iconográficas de época tardomedieval e moderna (DGEMN, 1953; Torres Bálbas, 1955; Ewert, 1973a e 1973b; Boiça e Barros, 1999; Macias et alli, 2002). A intervenção arqueológica realizada entre 2003 e 2006 (Gómez, 2008) permitiu alargar o nosso conhecimento sobre este espaço, embora a informação obtida sobre a sua fase islâmica tenha sido bastante limitada.

As escavações incidiram sobre duas áreas: o adro junto do muro da *qibla* e no interior do *mihrāb* (fig. 3). No interior do nicho, a sondagem permitiu confirmar que a sua estrutura se prolongavam em direcção à sala de oração, facto que podia deduzir-se também da organização decorativa em

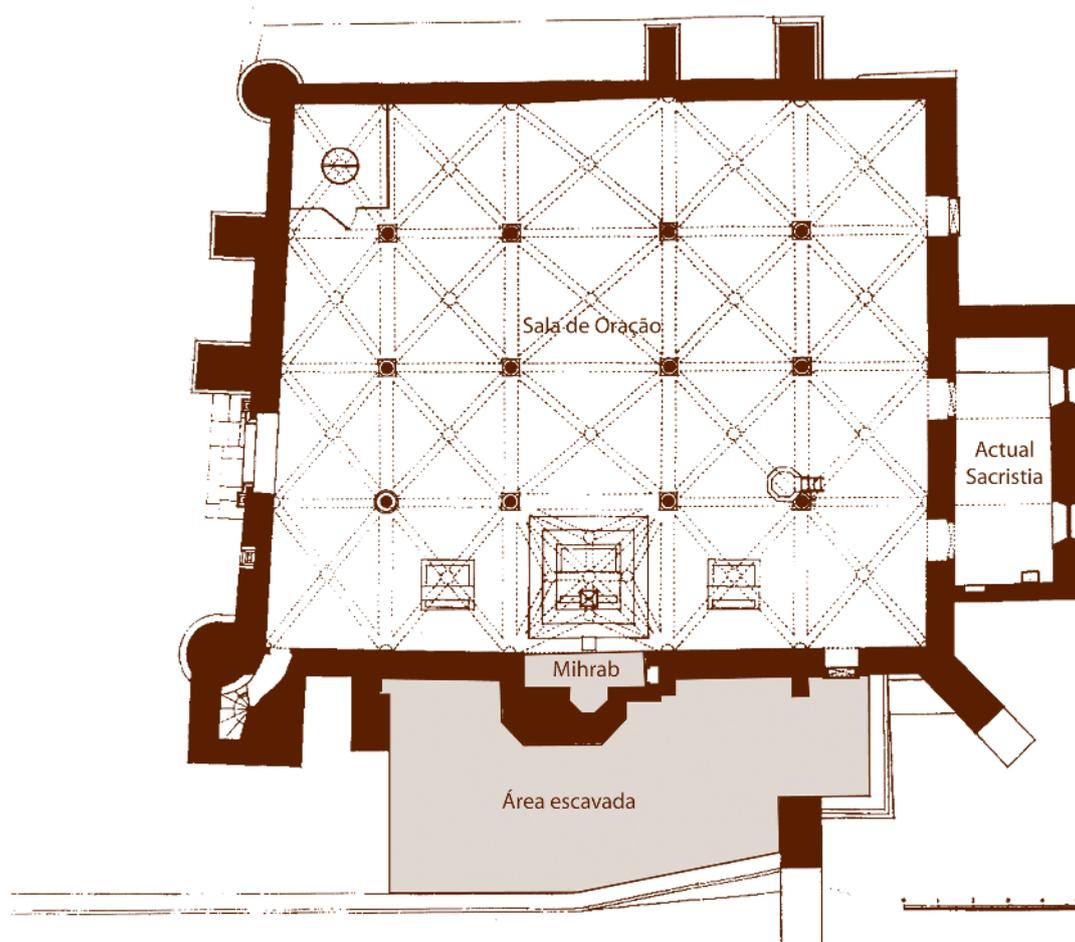


Fig. 3. Planta geral das áreas escavadas na Mesquita de Mértola.

estuque (Torres Bálbas, 1955) e de algumas imagens recolhidas pela DGEMN durante as obras de restauro dos anos quarenta do século XX. Também foi possível identificar a parte inferior do nicho onde se guardaria o *mimbar* amovível que referem as visitas do século XVI, igualmente reconhecível nas fotografias da DGEMN (Fig. 4). No interior do *mihṛāb* foi encontrado, debaixo de varias camadas de entulho depositadas durante a Baixa Idade Media, um pavimento contemporâneo à decoração de estuque e, portanto, datado de época almóada, situado a uma cota sensivelmente mais baixa do actual pavimento da Igreja (fig. 5). Verificamos também a existência de alicerces anteriores a ele que podem ser atribuídos a época pré-islâmica, embora os testemunhos em que se apoia esta datação não são conclusivos.

No adro, a estratigrafia era muito complexa, com contextos importantes das épocas tardomedieval, moderna e contemporânea. Após libertar



Fig. 4. Obras de restauro no *mihṛāb* na década de quarenta do século XX (fotografia da DGEMN).



Fig. 5. Pavimento islâmico no interior do *mihṛāb*.

as fundações da *qibla* de uma boa parte destes contextos posteriores à sua construção, verificamos que o *mihṛāb* pentagonal de época almóada assenta sobre numa estrutura, parcialmente visível, de planta quadrada e notável monumentalidade, formada por grandes silhares de granito (fig. 6 e 7). Não contamos com elementos claros de datação, mas é provável que corresponda ao *mihṛāb* omíada da mesquita, visto encontrar-se claramente sobre estruturas da Antiguidade Tardia datáveis no século VI.

Pese à exiguidade dos dados de época islâmica obtidos com a escavação, podemos extrair algumas conclusões e elaborar algumas hipóteses de trabalho. E primeiro lugar confirma-se a continuidade como espaço sagrado de esta área da madina onde a mesquita se sobrepõe as estruturas religiosas da Antiguidade Tardia. Desconhecemos se essa continuidade implicou a partilha do templo paleocristão pelos dois cultos nos primeiros tempos de domínio muçulmano, facto que não seria raro no contexto peninsular. Em qualquer caso, a estrutura rectangular sobre a que assenta o *mihṛāb* almóada, poderá ser o testemunho de uma mesquita de época omíada que substituiu a igreja cristã em um momento difícil de precisar à luz dos nossos conhecimentos actuais.

1.5. Novos Dados Sobre o a Organização Urbana no Interior da Madina

As intervenções arqueológicas de salvamento realizadas em diversos pontos da Vila Velha oferecem

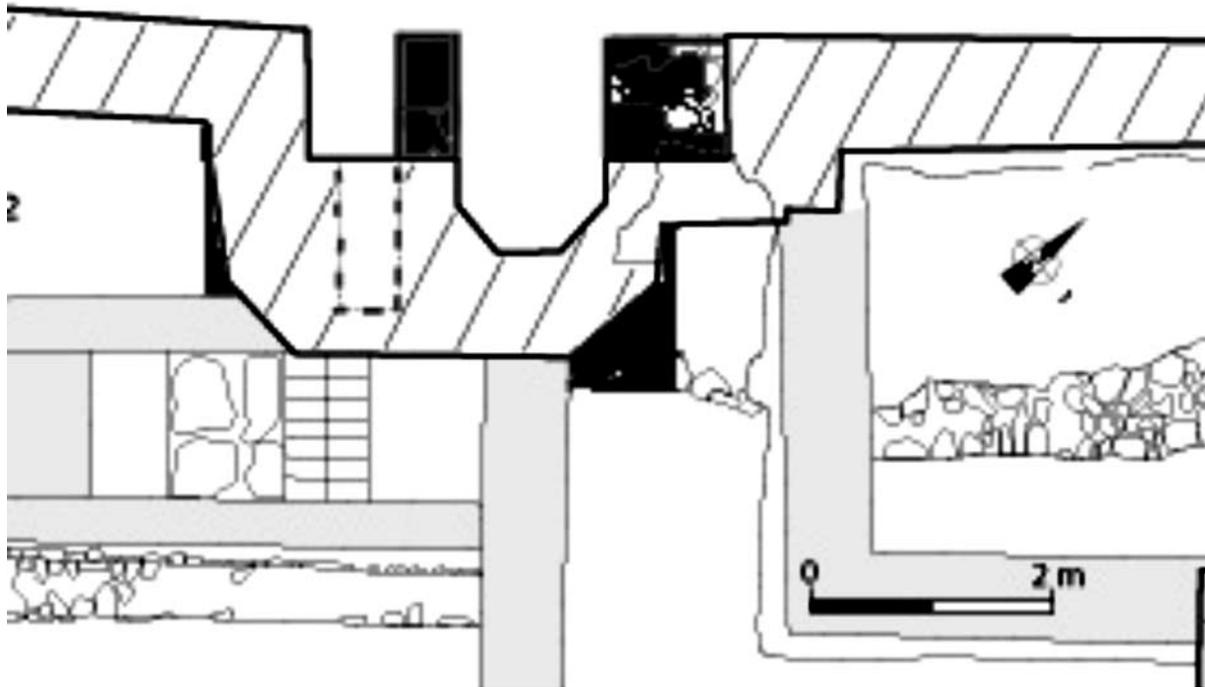


Fig. 6. Planta da estrutura do *mihrāb*.



Fig. 7. Alicerce do *mihrāb* e cavidade aberta na *qibla* no século XX.

um mosaico de dados dispersos e desconexos que, no entanto, permitem vislumbrar alguns aspectos da organização da medina. Uma das intervenções que tem oferecido informações interessantes é a escavação na zona de Ampliação da Biblioteca Municipal de Mértola, situada dentro do espaço amuralhado, junto a uma das portas de entrada da cidade (Porta de Beja, ver fig. 2).

Desde o ano de 2003, o Campo Arqueológico de Mértola tem vindo a executar, a pedido da Câmara Municipal de Mértola, diversos trabalhos arqueológicos neste espaço como medida preventiva. As escavações puseram a descoberto vestígios importantes para a compreensão da evolução da cidade desde a Idade do Ferro até aos nossos dias (Palma e Gómez, 2008 e no prelo; Palma, Gómez e Torres, 2008;), mas aqui apenas referiremos o dados referentes à época islâmica. O espaço objecto de estudo se encontrava diferenciado topograficamente em dois patamares com uma disparidade de cota considerável. Em ambos foram localizadas estruturas de época islâmica. No patamar inferior apenas se conservavam dois compartimentos de época almóada, os quais cortam e assentam sobre

um conjunto de estruturas fortificadas de época Romana – Republicana e da Idade do Ferro. Alguns indícios levam a pensar, que este seria um espaço de trabalho, visto que existia uma grande quantidade de cinzas, carvões, barro e cerâmica fragmentada, no entanto o seu elevado grau de destruição impede chegar a conclusões sobre que tipo de actividade artesanal se desenvolvia neles.

No patamar superior, sob um enterramento isolado da Baixa Idade Média, relacionado certamente com os enterramentos encontrados na zona envolvente da Mesquita/Igreja Matriz e na Alcáçova, encontrou-se uma série de contextos de época almóada. É possível que estes contextos fizessem parte do bairro habitacional da Alcáçova, sendo este o limite a nascente, mas esta hipótese só poderá ser confirmada com informação proveniente do quintal da Igreja Matriz, que permita aferir se nele se encontrava o pátio da antiga mesquita ou se se prolongava neste espaço o bairro da Alcáçova.

Os limites impostos pela obra impediram escavar em toda a sua extensão as estruturas almóadas, mas é possível distinguir duas casas separadas por uma estreita rua, pavimentada em terra batida (fig. 8). A primeira casa encontrava-

se encostada à muralha islâmica e dela escavou-se parcialmente um compartimento que se prolongava sob a muralha actual da vila. Nele encontrou-se uma zona de pavimento com ladrilhos e uma estrutura cruciforme, construída em pedra, com muitas marcas de fogo, bastantes cinzas, pequenos fragmentos cerâmicos e telhas. Deve tratar-se de um espaço de trabalho, mas a ausência de escória impede assegurar que se tratasse de uma forja (fig. 9).

Debaixo desta estrutura cruciforme, detectou-se uma pequena lareira, bem delimitada por pedras, com bastantes cinzas, pequenos fragmentos de telhas, escórias de ferro e, ao lado, uma zona de depósito de cinzas, o que nos permite interpretá-la como uma pequena oficina com uma pequena forja. Sob esta lareira encontramos uma outra também delimitada por seixos de rio e telhas e contendo bastantes escórias de ferro. Por sua vez, ao lado desta, apareceu uma cavidade oval revestida de uma espessa camada de cal que interpretamos como um “esponjeiro”, estrutura para derregar a cal e fazer argamassa a partir desta (Palma e Gómez, no prelo).

Do outro lado da rua, encontrou-se uma habitação, também ela do período almóada, com os seus espaços bem delimitados. Podemos distinguir

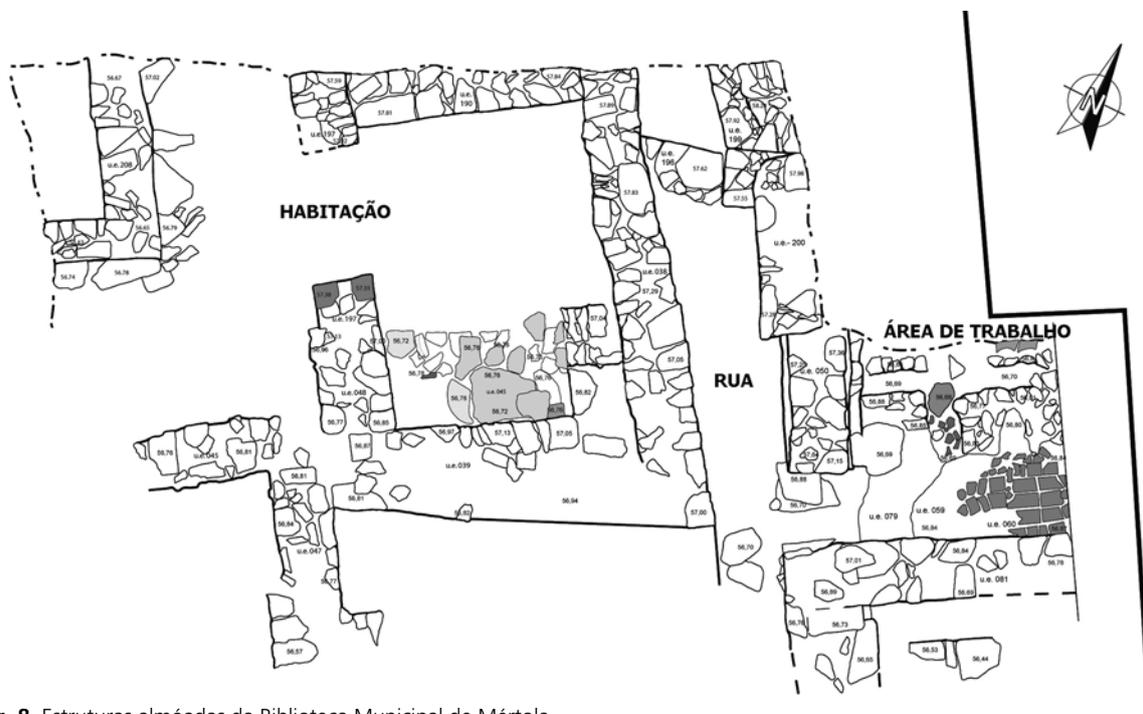


Fig. 8. Estruturas almóadas da Biblioteca Municipal de Mértola.



Fig. 9. Área de trabalho de época almóada na Biblioteca Municipal.

a cozinha, com piso em lajes de xisto e alguns fragmentos de mó reutilizados no pavimento, o salão e o pátio com piso em terra batida, e um outro pequeno compartimento parcialmente escavado. Os níveis de abandono deste espaço forneceram uma quantidade significativa de materiais cerâmicos que, em grande parte, constituem formas novas a acrescentar ao repertório almóada já conhecido (Gómez, 2006). Os muros das duas casas são em alvenaria até uma altura de 0,50m, construídos com blocos de pedras unidas com terra, sobre os quais se erguia o resto da parede, construída em taipa, tal como sucedia na Alcáçova. Devido às limitações impostas pela obra, não nos foi possível conhecer a área total da habitação.

Estamos assim, perante uma área da medina em que convivem os espaços de habitação e de trabalho de forma continuada, embora as cons-

truções e os seus usos foram sofrendo diversas alterações ao longo do período, de acordo com as necessidades dos seus habitantes.

Debaixo da segunda casa, sob a cozinha da habitação, apareceu uma fossa séptica, corta na sua parte superior, de perfil oval e com as paredes revestidas em pedra. Nesta fossa, possivelmente de época califal, encontrou-se uma tigela decorada em verde e manganés com temas fitomórficos e epigráficos. (fig. 10). Esta estrutura indica, claramente, que esta zona da medina terá tido uma ocupação urbana bem organizada constante ao longo do Período Islâmico.

2. O Arrabalde

Nos últimos anos, as escavações de emergência realizadas em Mértola forneceram uma



Fig. 10. Tigela decorada em verde e manganés (finais do século X, inícios do século XI).

quantidade considerável de informação arqueológica sobre o arrabalde (Gómez e Lopes, 2008). As intervenções na Cerca da Arrochela, na Hospedaria Beira-Rio e no Cine-Teatro Marques Duque (fig. 2) permitiram documentar uma zona de habitações com uma ocupação descontínua que se remonta à Antiguidade Tardia, mas que se afirma com força no século XII e volta a renascer no período moderno. As intervenções no Cine-Teatro, e os acompanhamentos arqueológicos das ruas Dr. Afonso Costa, Serrão Martins e 25 de Abril, permitiram, documentar espaços de vivenda bem estruturados e diversas instalações de carácter industrial entre as quais se destaca um pequeno forno cerâmico de cronologia almóada. As intervenções arqueológicas do Rossio do Carmo e das ruas adjacentes (Cândido dos Reis, Travessa Nossa Senhora das Neves e Quintal do Antigo Quartel dos Bombeiros Voluntários de Mértola) também forneceram novas informações sobre a extensão das necrópoles paleocristã e islâmica.

2.1. O forno da rua 25 de Abril

Nos finais de 2002 e inícios de 2003, as obras de repavimentação e de colocação da rede de águas pluviais motivaram intervenções arqueológicas pontuais nas ruas 25 de Abril, da República,

Cândido dos Reis e no largo do Rossio do Carmo. Estas intervenções foram, na maioria dos casos, parcelares, restringindo-se à largura da vala, o que, em termos da compreensão de estruturas, dá uma informação muito limitada. Assim, os objectivos centrais consistiram em salvaguardar os vestígios sem impedir a normal prossecução da obra.

Durante os trabalhos de pavimentação da rua 25 de Abril, à altura do número 14, a abertura de uma estreita vala destinada à instalação do lancil do passeio permitiu a descoberta de vestígios dum pequeno forno de cerâmica de época almóada cujo estado de conservação era péssimo.

O acompanhamento das máquinas detectou, praticamente à superfície, uma camada de barro muito vermelho por efeito do fogo, que constituía o derrube das paredes e da grelha do forno. Debaixo desta camada, foram encontrados a parte inferior da câmara de fogo ou fornalha e os restos da última utilização do forno: uma camada de terra e carvões e fragmentos de cerâmica do fim do domínio islâmico (fig. 11).

A câmara de fogo ou fornalha tinha sido construído escavando uma cavidade de planta aproximadamente oval numa camada de entulhos antigos que continham muitos fragmentos de ânfora. A fornalha estava revestida com barro e



Fig. 11. Vestígios do forno da rua 25 de Abril com a última camada de utilização.

pequenas lajes de xisto formando paredes lisas e levemente inclinadas.

Entre os materiais de construção associados ao forno encontramos alguns tijolos queimados e alguns restos de barro cozido nos quais uma parte da parede aparece vitrificada (ver fig. 12. 2 e 3). Um dos fragmentos de barro cozido tem uma face alisada e um orifício de forma cilíndrica (ver fig. 12.1). Este fragmento leva-nos a considerar que existia uma grelha construída com barro cozido e tijolos que separaria a câmara de fogo da câmara de enfiamento, cuja planta e alçado foi impossível determinar.

A produção do forno inclui alguns dos objectos característicos desta região como é o caso das painéis de corpo globular e colo cilíndrico de pouca altura (fig. 13, 1), os pequenos alguidares trípodas (fig. 13, 2) e, sobretudo, os cântaros de bordo vertical com moldura estriada, colo cilíndrico com outra pequena moldura central, e duas asas de fita verticais que descansam no ombro. O corpo é de forma aproximadamente piriforme invertida. Não se encontrou nenhum fragmento de cântaro que conservasse o fundo, mas foram achadas peças deste tipo em contextos de abandono na Alcáçova do Castelo apresentando fundos ligeiramente convexos (fig. 13, 5). Apresentam-se sempre com ornamentação pintada em branco sobre paredes vermelhas ou, mais frequentemente, sobre uma superfície enegrecida no processo de pós-cozedura.



Fig. 12. Fragmentos da estrutura do forno.

A pintura costuma ir acompanhada de cordão digitado em posição horizontal ou enlaçado com as asas de forma peculiar (ver fig. 12, 3 e 4). Merece alguma atenção a presença de bordos como os que acabamos de descrever no *Cuartel del Carmen* em Sevilha (Huarte, Lafuente e Somé 1999: fig. 3–9), embora o forno encontrado em Mértola não tivesse capacidade para abastecer um mercado regional muito alargado.

Esta descoberta veio identificar, pela primeira vez, estruturas relacionadas com o fabrico de cerâmica em Mértola e confirmar as suspeitas da existência de uma produção local de cerâmica comum. Embora uma grande parte dos objectos cerâmicos de maior qualidade e valor decorativo chegassem por via fluvial dos mais variados portos do al-Ándalus, a maior parte da cerâmica corrente seria fabricada em oficinas locais ou regionais.

2.2. Cerca da Arrochela

As escavações arqueológicas levadas a cabo neste local tiveram como objectivo aferir a existência de estruturas fora de portas, fora do recinto amuralhado.

Os dados disponíveis até ao momento apontam-nos para uma ocupação deste espaço em distintos momentos: os vestígios mais antigos reportam-se a estruturas e materiais do período romano, um segundo nível de ocupação enquadra-se no período islâmico com restos de habitações e fossas. A última ocupação parece relacionar-se com estruturas de época moderna e/ou contemporânea constituídas por dois tanques quadrangulares. O facto de, nas imediações, se terem encontrado restos de mós faz supor tratar-se de depósitos para cereal ou farinha.

Em fotografias de finais do século XIX (Boiça, 1998: 28-29) é visível neste espaço um campo de cultivo cercado, daí a toponímia ao sítio Cerca da Arrochela. Esta lógica de espaço de cultivo foi quebrada por volta de 1930, quando se abriu a estrada e se construiu o cais. Estas obras vieram a destruir parte das estruturas arqueológicas existentes no subsolo.

As escavações arqueológicas foram iniciadas em 1992, tendo apenas sido possível a abertura em

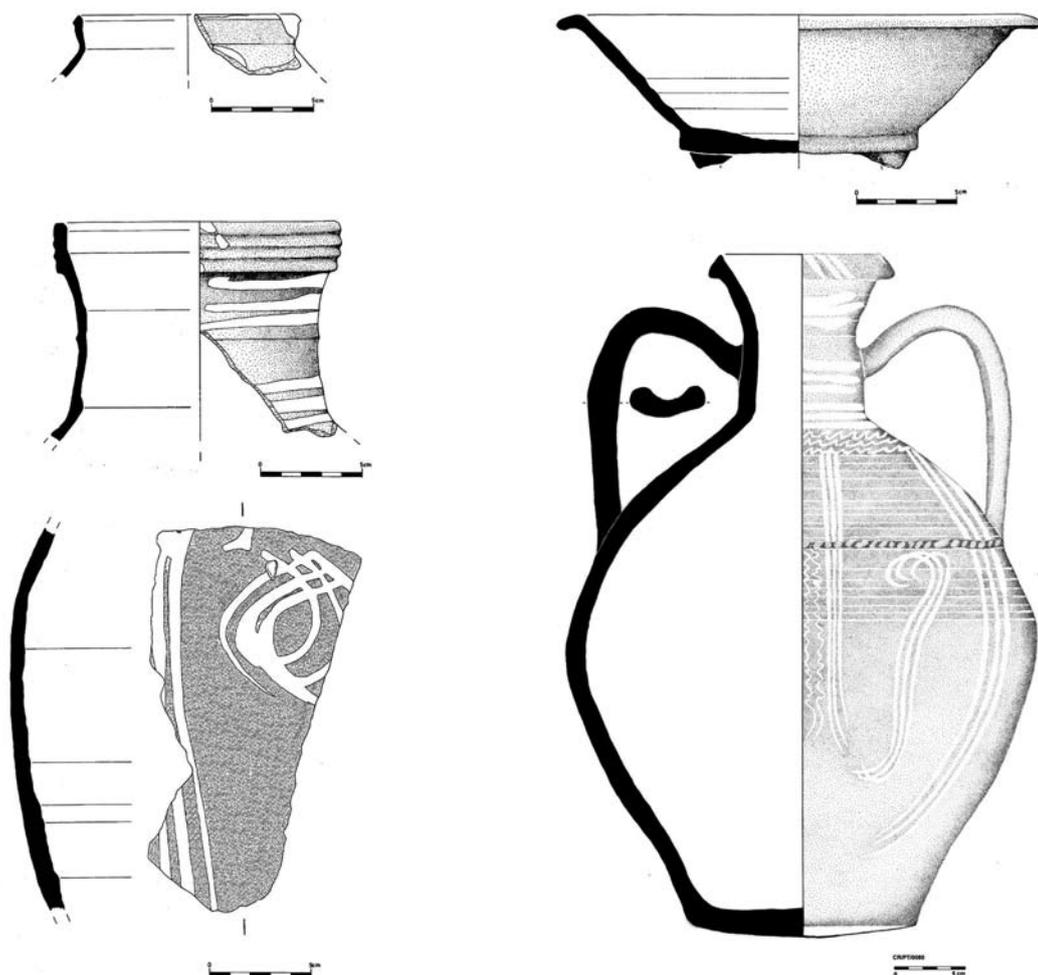


Fig. 13. Materiais cerâmicos encontrados no forno. O cântaro completo foi encontrado na Alcáçova do Castelo de Mértola, mas corresponde, certamente, ao tipo de peças fabricadas no forno.

área de uma pequena parcela deste local onde o solo encerra parte da história de Mértola.

Os trabalhos arqueológicos realizados até ao momento vieram confirmar a ocupação deste espaço, pelo menos, desde os séculos I e II da nossa era até ao período moderno. No entanto, só o prolongamento das investigações arqueológicas em área, se poderá identificar e compreender com segurança as distintas ocupações que este espaço teve ao longo do tempo.

2.3. Hospedaria Beira-Rio

Os trabalhos de escavação arqueológica de

campo tiveram início a 13 de Junho e terminaram em 9 de Novembro de 2005, tendo-se procedido a uma intervenção em área e em profundidade das zonas a serem afectadas pela obra de construção do novo edifício. O objectivo central era a identificação da existência de vestígios arqueológicos, bem como a sua datação e compreensão, e a salvaguarda documental dos mesmos.

Dada a natureza do terreno, na zona deste quintal, depreendia-se uma forte densidade de terras, em parte devido à dimensão das árvores aí existentes, nomeadamente oliveiras e laranjeiras. Esta análise topográfica era também corroborada pelo conhecimento que dispúnhamos da *Cerca da*

Arrochela, local próximo e anteriormente alvo de trabalhos arqueológicos.

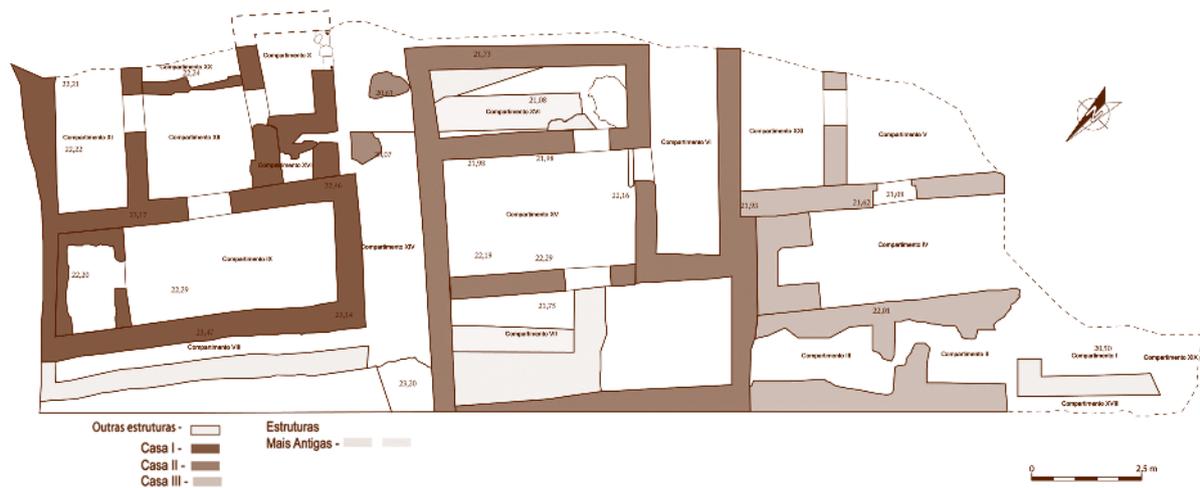
A escavação identificou uma sequência estratigráfica que traduz o abandono do local como área residencial, e a utilização deste sítio como local de despejos e posteriormente como quintal e zona de cultivo agrícola.

Os níveis islâmicos correspondiam a três casas do período islâmico (fig. 14 e 15). Entre duas das casas foi posta a descoberto uma rua pavimentada com terra batida. Depois de identificado o nível de pavimentação e a sua direcção (nascente-poente), foi feita a escavação em profundidade, onde foi encontrada uma canalização que escorria as águas pluviais no sentido nascente, e duas fossas detriticas

que recebiam, respectivamente, os dejectos das casas vizinhas.

Estamos em presença de casas que obedecem a uma tipologia bem conhecida no mundo mediterrânico: a casa de pátio central, em que todos os compartimentos estão virados para este espaço e comunicam com ele.

A nível das técnicas construtivas, tudo leva a crer que se tratavam de construções em taipa e que possuíam um embasamento em alvenaria de pedra (conservado), e cujos telhados seriam com cobertura de telha de meia cana. Inevitavelmente, a taipa não se conservou arqueologicamente, apenas inferimos da sua existência a nível dos derrubes e das camadas de cal que constituem o seu revestimento.



Nos locais onde a escavação se realizou em profundidade, atingiram-se os níveis dos derrubes dos telhados e as estruturas de época romana. Contudo, estas construções com muros argamassados não possuem, ainda, uma leitura de conjunto nem uma interpretação funcional.

Merece um especial realce a pedra de soleira que marca a entrada no salão da casa 1. Esta pedra possui gravadas quatro cruces potentadas, o que mostra inequivocamente uma cristianização do espaço. Esta nova situação permitir-nos-á futuramente, uma análise detalhada dos materiais no sentido de perceber a religiosidade dos habitantes deste bairro, que seriam possivelmente moçarabes. A confirmar-se esta hipótese, é a primeira vez que se prova arqueologicamente tal facto em estruturas habitacionais. Por outro lado, é de destacar a qualidade do espólio arqueológico, tanto a nível dos objectos metálicos como dos objectos cerâmicos. De referir, ainda, o grau de preservação da casa nº. 1, uma das melhores conservadas e que apresenta um elevado requinte construtivo, de onde foram exumados estuques com restos de pintura.

Numa primeira análise das estruturas e materiais identificados podemos inferir que este bairro foi construído e habitado no século XII, tendo sido abandonado antes do final desta centúria.

Após a escavação é possível inferir a existência de três casas islâmicas e de alguns compartimentos de incompleta leitura que pertenceriam ao bairro existente neste local. Este conjunto de dados faz deste local um bairro importante e detentor de poder económico no período islâmico.

2.4. Cine-Teatro Marques Duque

No último quartel do século XIX, já Estácio da Veiga (1983) tinha identificado vestígios arqueológicos importantes nas proximidades da Igreja de Santo António dos Pescadores que, mais tarde, veio a ser substituída pelo Cine-Teatro Marques Duque. Nas suas *“Memórias das Antiguidades de Mértola”*, refere o achado de sepulturas paleocristãs numa vala aberta no lado Oeste da *“Estrada Real”*, que podemos identificar com a actual Rua Dr. Afonso Costa.

Entre 2001 e 2005 foram efectuadas, pelo

Campo Arqueológico de Mértola, várias intervenções arqueológicas nesta zona actualmente ocupada pelo Cine-Teatro Marques Duque. As escavações documentaram uma sequência estratigráfica mais complexa do que a referenciada por Estácio. Em termos gerais, as escavações revelaram parte dos alicerces da ermida de Santo António dos Pescadores, estruturas do arrabalde islâmico dos séculos X-XII e 34 sepulturas paleocristãs. Aqui apenas recolheremos a informação referente as estruturas do arrabalde.

Não é possível obter uma leitura completa das estruturas encontradas (fig. 16), mas podemos afirmar que a maior parte dos muros pertence a uma casa da qual apenas é visível o seu extremo ocidental, composto por um átrio estreito, um pátio de grandes dimensões, e um terceiro compartimento situado junto ao átrio onde foi possível documentar dois níveis de ocupação (fig. 17). Mais a Sul, foi posta a descoberto uma rua que daria serventia a esta e a uma segunda casa da qual apenas conhecemos a fachada norte (fig. 18).

Pese a dificuldades de interpretação (derivadas das características da intervenção, limitada aos condicionamentos da obra, e duma estratigrafia complexa, alterada pelas construções modernas e contemporâneas), é possível reconhecer um certo planeamento urbano, com ruas bem estruturadas e sistemas de canalização e de esgoto desenvolvidos. Ainda é difícil estabelecer interpretações fiáveis sobre a funcionalidade de todas estas estruturas, mas alguns indícios levam-nos a pensar que esta zona poderia não ser apenas uma zona habitacional. A presença, em toda a área, de escórias de vidro sugere a possibilidade de tratar-se de um arrabalde onde se desenvolveriam, também, actividades de carácter industrial, talvez o fabrico de vidro.

3. Conclusões

As escavações de salvamento realizadas nos últimos anos tem permitido vislumbrar um panorama geral mais completo sobre a organização urbana da cidade e a sua evolução ao longo do tempo.

No interior da madina, constata-se a ocupação com vivendas em todos os locais onde a intervenção arqueológica ocupava uma área suficiente para

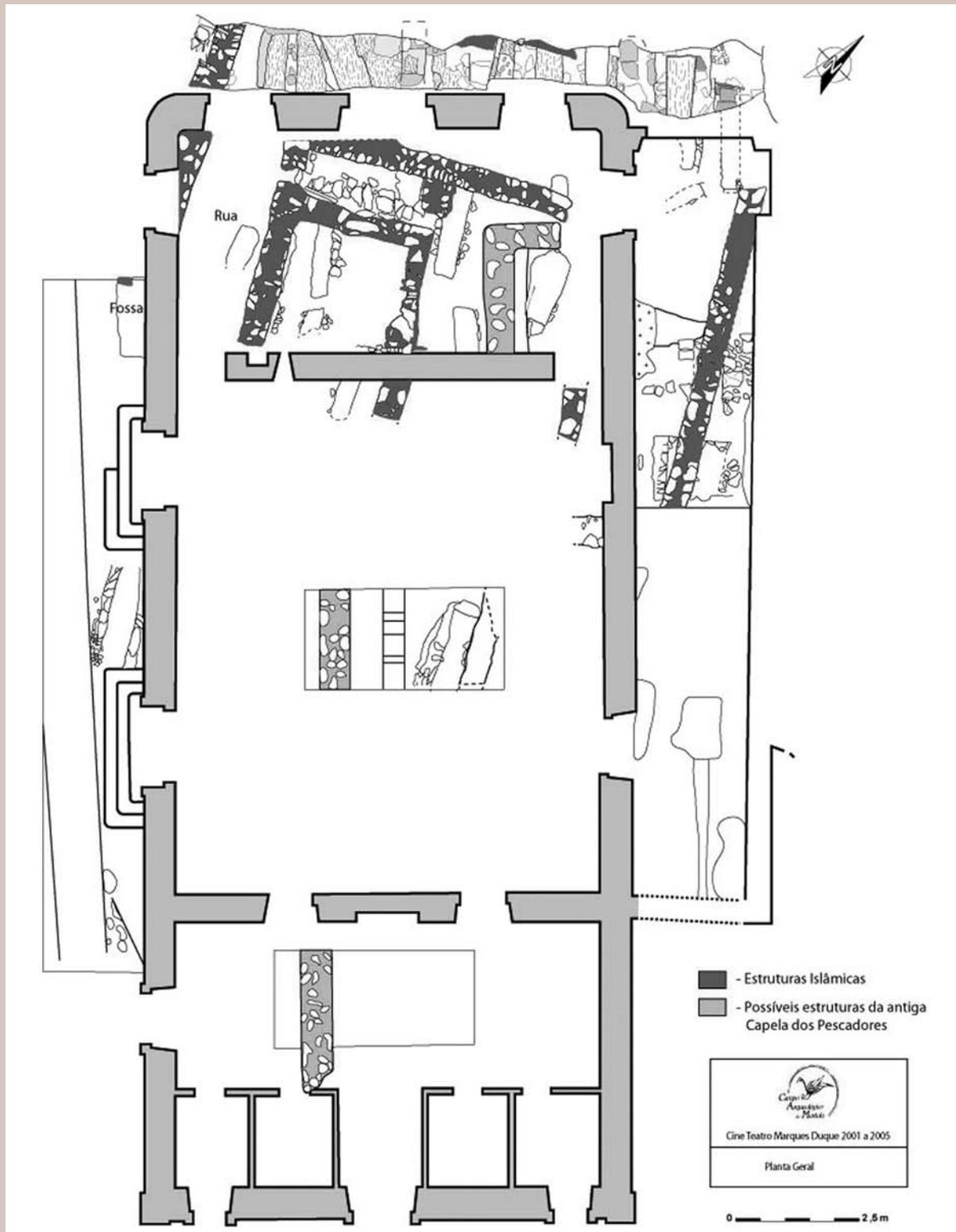


Fig. 16. Estruturas islâmicas encontradas nas escavações do Cine-Teatro Marques Duque.



Fig. 17. Estruturas de época islâmica sobrepostas a enteramentos paleocristãos nas escavações do Cine-Teatro Marques Duque.



Fig. 18. Rua do século XII encontrada nas escavações do Cine-Teatro Marques Duque.

uma compreensão considerável da estratigrafia. Se bem apenas se conservam habitações claramente reconhecíveis de época almóada, a presença de estruturas de saneamento urbano (fossas) de época

califal permitem assegurar a existência de uma ampla ocupação do espaço amuralhado pelo menos desde época califal, especialmente nos pontos cruciais da trama urbana como as portas, facto constatado, por exemplo na Biblioteca Municipal. É significativa a reduzida presença de estruturas de este mesmo período na zona da Alcáçova. Os espaços ocupados por grandes monumentos da Antiguidade Tardia apenas foram preenchidos por edificações em época almóada, certamente por incapacidade para eliminar as imponentes ruínas do edifício religioso cristão.

É interessante a constatação da existência, no interior do espaço fortificado, de estruturas de carácter artesanal, especialmente de época almóada plena. No mesmo período, este tipo de actividades estão também presentes no espaço extra-muros, como era de esperar, embora não tenham uma presença intensa. É no período imediatamente anterior, a volta dos meados do século XII, quando a cidade se estende pelo espaço envolvente com a criação de um grande arrabalde ribeirinho, certamente relacionado com as actividades portuárias.

Bibliografia

Almeida, João de (ed.) (1983) – *Livro das Fortalezas de Duarte Darmas*. Lisboa: Editorial Império.

al-Rāzī (1953) – *La description d’Espagne d’Ahmad al-Rāzī* (trad. E. Lévi-Provençal). *Al-Andalus*. Madrid-Ganada: CSIC. Vol. XVIII (1953) pp. 51-108.

Bazzanna, A. (1992) – *Maisons d’al-Andalus – habitat meieval et structures du peuplement dans l’Espagne Orientale*. Madrid: Casa Velazquez. Vol. II.

Boiça, Joaquim; Barros, Fátima (1999) – *A Mesquita - Igreja de Mértola*. In *Ordens Militares. Guerra, Religião, Poder e Cultura – Actas do III Encontro sobre Ordens Militares*. Lisboa: Edições Colibri / Câmara Municipal de Palmela. Vol. 2, pp. 341-365.

Catarino, Helena (1997/1998) – *O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica. Povoamento rural e recintos fortificados*. *al-’ulyā*. Loulé: Arquivo Histórico Municipal de Loulé. ISSN 0872-2323. Nº 6 (1997/1998) 3 vols., 1306 pág.

Collaço, João (1931) – *Cadastro da População do Reino (1527)*. *Actas das comarcas dentre Tejo e Odiana*. Lisboa.

DGEMN (1953) – *Igreja Matriz de Mértola*. *Boletim*

da *Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*. Lisboa. Nº 71 (Março de 1953).

Ewert, Christian (1971) – El mihrab de la mezquita mayor de Almería. *Al-Andalus*. Madrid: CSIC. Vol. XXXVI fasc. 2 (1971) pp. 391-460.

Ewert, Christian (1973a) – Die Moschee von Mértola (Portugal). *Madrider Mitteilungen*. Madrid: Instituto Arqueológico Alemán de Madrid. Nº 14 (1973) pp. 217.

Ewert, Christian (1973b) – La Mezquita de Mértola (Portugal). *Cuadernos de la Alhambra*. Granada: Patronato de la Alhambra y el Generalife. ISSN 0590-1987. Nº 12 (1973) pp. 307-338.

García-Gómez, Emilio e Lévi-Provençal, É. (1981) – *Sevilla a Comienzos del siglo XII – El tratado de Ibn Abdun*. Sevilla: Servicio Municipal de Publicaciones.

Goitein, S.D. (1983) – *A Mediterranean Society*. Berkeley: University of California Press. vol. I.

Gómez-Martínez, Susana (1997) – A loiça dourada de Mértola. *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. ISSN 0872-2250. nº 5 (1997)pp. 137-162.

Gómez Martínez, Susana (2006) - *Cerámica Islámica de Mértola: producción y comercio*. [Recurso electrónico]. Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense de Madrid. ISBN: 84-669-2568-6. http://cisne.sim.ucm.es/search*spl~57/a?SEARCH=G%F3mez+Mart%EDnez%2C+Susana.

Gómez Martínez, Susana (2008) – Intervenção arqueológica na Mesquita / Igreja Matriz de Mértola. In *Mértola Arqueológica 2003-2008. Cadernos de Mértola/Mértola Vila Museu*. Mértola: Câmara Municipal de Mértola, 2008. ISBN 978-972-9375-30-9. pp. 6-17.

Gómez Martínez, Susana; Lopes, Virgílio (2008) – O arrabalde de **Métola** e a evolução dos espaços periurbanos da cidade entre a Antiguidade e o Período Islâmico. *Vipasca Arqueologia e Historia*. Aljustrel, Câmara Municipal de Aljustrel. nº 2, 2ª Série (2008). In *Actas do III Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, Aljustrel, 26, 27 e 28 de Outubro de 2006. pp. 690-697

Gómez Martínez, Susana (2009) – New perspectives in the study of al-Andalus ceramics, Mértola (Portugal) and the Mediterranean maritime routes in the Islamic period. *al-Masaq*. University of Leeds. Vol. 21 Nº 1 (Abril 2009) pp. 55-77.

Guedes, Lívio (1992) – A viagem de Christian, Príncipe de Waldeck ao Alentejo e ao Algarve descrita pelo Barão von Wiederhold - 1798. *Boletim do Arquivo Histórico Militar*. Lisboa: Arquivo Histórico-Militar. Vol. 60 (1992)pp.7-272.

Guichard, Pierre (2001) – La société d'al-Andalus a l'Epoque de la Reconquete. *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. ISBN 0872-2250. N.º 7 (2001) pp. 15-22.

Huarte Cambra, Rosario; Lafuente Ibáñez, Pilar; Somé Muñoz, Pilar (1999) – Intervención arqueológica en el Cuartel del Carmen, Sevilla (1990-1994): la cerâmica. *Arqueologia Medieval*. Porto: Afrontamento. ISBN 0872-2250. Nº 6 (1999) pp. 139-181.

al-Idrisi (1969) – *Description de l'Afrique et de l'Espagne* (trad. Por R. Dozy e M. Goeje). Amsterdam: Oriental Press.

Lézine, Alexandre (1971b) – *Deus villes d'Ifriqiya. Sousse. Tunis*. Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner.

Lopes, Davide (1911) – Os árabes nas obras de Alexandre Herculano. *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa: Imprensa Nacional. Vols III e IV.

Macias, Santiago (1993) - Um espaço funerário. In *Museu de Mértola. Basílica Paleocristã*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. ISBN 972-9375-02-X. pp. 30-62

Macias, Santiago (1996) - Mértola Islâmica. Estudo Histórico-Arqueológico do Bairro da Alcáçova. Mértola: Edição do Campo Arqueológico de Mértola. ISBN 972-9375-04-6.

Macias, Santiago; TORRES, Cláudio; BOIÇA, Joaquim; BARROS, Maria de Fátima (2002) – *Mértola mesquita/Igreja Matriz*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. ISBN 972-9375-18-6.

Mazzolli-Quintard, Christine (1996) – *Villes d'al-Andalus. L'Espagne et le Portugal à l'époque musulmane (VIIIe-XVe siècles)*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

Palma, Maria de Fátima; Gómez, Susana (2008) – Intervenção arqueológica na Biblioteca Municipal de Mértola – Notícia Preliminar. *Vipasca Arqueologia e Historia*. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel. Nº 2, 2ª Série (2008) Actas do III Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular, Aljustrel, 26,

27 e 28 de Outubro de 2006. pp. 531-535.

Palma, Maria de Fátima; Gómez, Susana (no prelo) – Níveis Islâmicos da Biblioteca Municipal de Mértola. *IV Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular. Aracena, 27, 28, 29 de Novembro de 2008.*

Palma, Maria de Fátima; Gómez-Martínez, Susana; Torres, Cláudio (2008) – Intervenção arqueológica na Biblioteca Municipal de Mértola – Notícia Preliminar. In *Mértola Arqueológica 2003-2008. Cadernos de Mértola/Mértola Vila Museu*. Mértola: Câmara Municipal de Mértola, 2008. ISBN 978-972-9375-30-9. pp. 30-31.

Rau, Virgínia (1986) – Para a história da população portuguesa dos séculos XV e XVI (resultados e problemas de método). In *Estudos de história medieval*. Lisboa: Ed. Presença. pp. 96-127.

Torres Bálbas, Leopoldo (1955) – El mihrāb almohade de Mértola (Portugal). *Al-Andalus*, Madrid-Granada: CSIC. Nº XX (1955) pp. 188-195.

Torres Bálbas, Leopoldo (1955b) – Extensión y demografía de las ciudades musulmanas. *Studia Islamica*, Parid: Larose. Nº III (1955) pp. 35-59.

Torres Bálbas, Leopoldo (1956) – Ampliación y tamaño de varias mezquitas. *Al-Andalus*, Madrid-Granada: CSIC. Nº XXI (1956) pp. 339-352.

Torres Bálbas, Leopoldo (1985) – *Ciudades Hispanomusulmanas*. Madrid: Instituto Hispanoárabe de Cultura.

Torres, Cláudio (1984) – Uma velha cultura serrenha. In *Mantas tradicionais do Baixo Alentejo*. Mértola: Câmara Municipal de Mértola. pp. 45-62.

Torres, Cláudio (1987a) – *Cerâmica islâmica portuguesa. Fundação Calouste Gulbenkian. Novembro de 1987. Catálogo*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

Torres, Cláudio; OLIVEIRA, José Carlos (1987b) - O criptopórtico-cisterna da Alcáçova de Mértola. In *II Congreso de Arqueología Medieval Española, Madrid, 1987*. Madrid, 1987. T. II, pp. 617-626.

Torres, Cláudio (1993) – A Igreja de Santo Amaro. In *Núcleo Visigótico. Museu Regional de Beja*. Beja: Museu Regional de Beja.

Vasconcellos, José Leite de (1989) – *Religiões da Lusitânia*. vol., VI. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Veiga, S. Ph. Estácio da, (1983) – *Memórias das Antiguidades de Mértola*. Edição fac-similada de

1880. Lisboa / Mértola: Imprensa Nacional-Casa da Moeda / Câmara Municipal de Mértola.

Yāqūt (1974) – Nuevos topónimos relativos a al-Andalus en el “Muyan al-Budan de Yāqūt (trad. Por José Antonio Rodríguez Lozano). *Cuadernos de Historia del Islam*. Granada: Universidad de Granada. Nº 8 (1974) pp. 7-84.